

Cinema e Educação: outras formas de ver, ler e pensar

SABRINA DA SILVA GAVA¹

SCARELI, G. *Santo Forte: cinema e educação na obra de Eduardo Coutinho*. São Cristóvão: Editora UFS, 2012. 186 p.

NO LIVRO *SANTO FORTE: cinema e educação na obra de Eduardo Coutinho*, de Giovana Scareli², são duas as principais análises que nos permitem apreender tanto o universo do entrevistado, quanto o próprio fazer da entrevista: aquelas feitas sobre construção fílmica e aquelas feitas sobre o imaginário religioso das pessoas entrevistadas, a capacidade que têm para confabular histórias e experiências permeadas por entidades e rituais.

Lançado em 2013, durante a 36ª reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), o livro é na verdade uma tentativa de fazer com que o leitor mergulhe nas imagens e recursos cinematográficos do filme *Santo Forte* (1999), de Eduardo Coutinho (1933-2014), e reflita sobre a

1. Graduanda em Filosofia pela Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei/Minas Gerais. E-mail: sabrinasgava@hotmail.com .
2. Docente do Departamento de Ciências da Educação e membro do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São João Del Rei, São João del-Rei/Minas Gerais, líder do Grupo de Pesquisa em Educação, Filosofia e Imagem (GEFI) e pesquisadora do Núcleo de Estudos: Corpo, Cultura, Expressão e Linguagens (NECCEL) ambos da UFSJ.

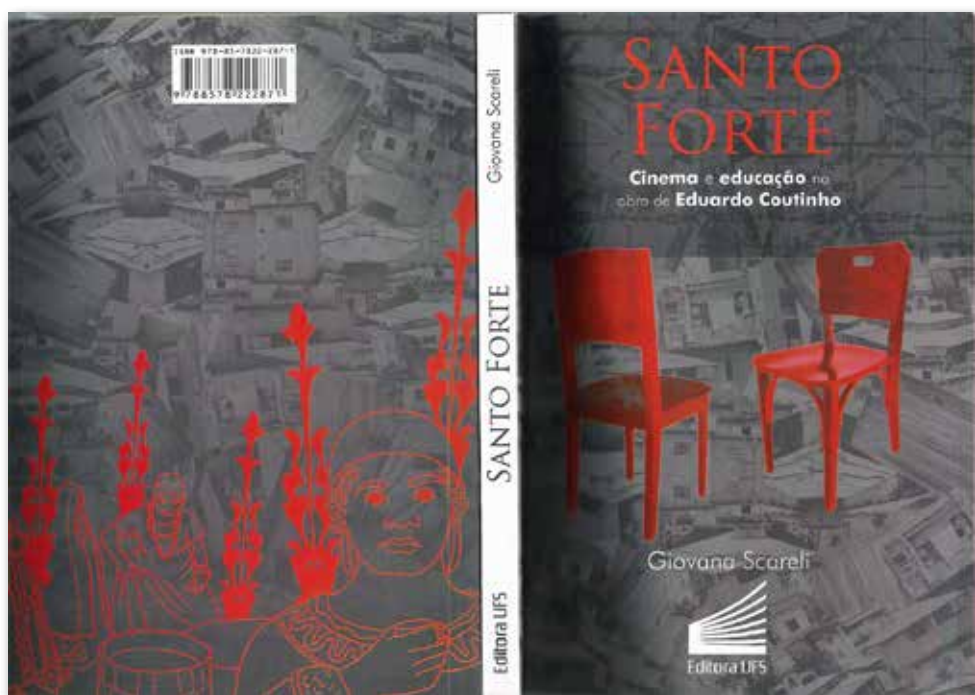


Fig. 1 – Capa e contracapa do livro
Criação: PdDESIGN

possibilidade de se pensar novos conhecimentos, a partir de uma aproximação entre Cinema e Educação.

Na obra nenhuma imagem ou cor deve ser desconsiderada ou entendida como aleatória. Por isso opto por apresentá-las desde o primeiro momento em que aparecem no livro, isto é, na capa e contracapa.

Ambas, ornamentadas com um fundo cinza e com fotos sobrepostas de uma comunidade que poderia ser a Vila Parque da Cidade, parecem fazer referência ao lugar onde ocorreram as gravações do filme. No centro da capa, duas distintas cadeiras vermelhas, dispostas frente a frente, aludindo a uma entrevista. Porém, cadeiras vazias – o que nos remete às entidades invisíveis de que falam as pessoas/personagens do filme. Na contracapa, é possível ver alguns desenhos em vermelho, criados a partir de algumas imagens do altar de D. Thereza e que dizem respeito à religião cristã e umbandista.

Todo esse cuidado com a arte externa do livro nos possibilita inferir que a autora e o grupo de projeto gráfico e de editoração do livro buscaram explorar de modo bastante criativo e consciente a simbologia das cores. Assim, ao utilizarem o vermelho para destacar as cadeiras, os desenhos e o nome do filme/livro, eles parecem nos sugerir de antemão que essa cor é ambígua, tal como são os orixás, pretos velhos, pombagiras e demais entidades relatadas nas obras, que tendem a fazer o Bem ou o Mal conforme a recompensa. Também, que se trata de uma cor própria de quem tem “santo forte”, já que desde a Antiguidade, o vermelho era associado à proteção contra as influências malignas.

Contrapondo esses significados – o que denota um equilíbrio da obra desde o seu início – e do vermelho enquanto uma cor viva, a autora traz o cinza: um tom sombrio, frio e característico daquilo que resta após a extinção, a morte. No entanto, essa cor também traz o sentido de purificação, tornando-se por vezes um tom neutro, já que é derivado do preto e do branco – o que, mais uma vez, nos leva a pensar na natureza dupla de tudo o que existe no universo e num meio termo entre os extremos.

Acima da capa, em letras vermelhas e brancas, o título do livro sintetizando muito bem as investigações e análises feitas pela autora no que tange à construção do filme e à utilização do mesmo como ferramenta para o pensar. Questões que, muito bem articuladas e embasadas – haja vista a riqueza das referências e suportes de pesquisa consultados pela autora –, vão se expandindo e se correlacionando nos três capítulos que integram a obra.

No primeiro capítulo, Scareli dá atenção a algumas imagens utilizadas pelo cinema brasileiro como representação de favelas e a alguns dos recursos cinematográficos utilizados por Coutinho em suas gravações, como os planos e os enquadramentos que nos conduzem a pensar sobre as favelas e as cidades, e o sentido de público e de privado que elas guardam. Não se trata de analisar o “favelado”, diz a autora, mas a favela “como um território que coloca em questão o sentido da sociedade em que vivemos e o significado da apropriação e uso do espaço urbano pelos seus moradores” (SCARELI, 2012, p. 20).

Estabelece-se ainda nessa seção um diálogo metalinguístico com os aparelhos de TV, pois estes são vistos pela autora como uma espécie de “portal”, reportando o espectador para o dentro e o fora da televisão, para além do espaço e do tempo.

No segundo capítulo, Scareli busca fazer um levantamento da trajetória profissional de Coutinho, ressaltando algumas peculiaridades e curiosidades do cineasta,

tal como sua participação no programa *Globo Repórter*, da Rede Globo e o prêmio ganho ao responder perguntas sobre Charles Chaplin, no programa *O Dobro ou Nada*, da Rede Record. Aqui, autora também investiga alguns aspectos do filme ligados à bidimensionalidade das entrevistas ou “conversas”, como pretendia Coutinho (SCARELI, 2012, p.12).

Notável pela capacidade de escutar o outro, ressalta a autora, esse cineasta nos permite observar a valorização e singularidade das pessoas entrevistadas, sobretudo, no que diz respeito ao aspecto religioso tratado no filme. Isso se justifica pelo fato de cada pessoa, cada personagem ter “seu repertório, tanto de histórias para contar, mas também de como se comportar diante de uma câmera, afinal, todos assistem televisão, vêem imagens e cada pessoa tem ‘a sua própria narração em relação ao seu passado’” (SCARELI, 2012, p.78).

Dai, o interesse de Scareli em abordar no terceiro capítulo – o maior deles – outros recursos cinematográficos utilizados por Coutinho, como o espaço e o tempo, a voz e o silêncio, as inserções de imagens que nos conduzem a pensar sobre o sagrado e o profano, o visível e o invisível, enfim, a religiosidade e o poder de confabulação das pessoas. Para a autora, filmes como esse incomodam, emocionam, provocam, enfim, nos ensinam a ouvir o outro e a entender seus anseios.

Assim, o cinema parece ter para a autora tanto a capacidade de levar o espectador à reflexão de comportamentos e valores, quanto desenvolver a sensibilidade visual. Como ela nos diz: “A ideia de transformação, que pretende Eduardo Coutinho, tem um sentido dialético na medida em que provoca no espectador as possibilidades da sua própria transformação.” (SCARELI, 2012, p.171). Trata-se neste sentido, de outras formas de ver, ler e pensar o mundo.

Por isso, encerro estes escritos fazendo um convite ao leitor para que conheça a obra de Giovana Scareli. Embora seja fruto de sua tese de doutorado, o livro não foi pensado apenas para a leitura de especialistas e pesquisadores interessados no assunto. Sua linguagem é de fácil compreensão, permitindo-nos pensar outras temáticas que não se restringem apenas ao Cinema e à Educação.

Recebido em 28 de abril de 2014 e aprovado em 15 de setembro de 2014.